

NO DISTRITO DE MONAPO

Paraisos económicos reerguem-se

ALMEIDA OLIVEIRA

Na verdade, historicamente, a produção de rendimento do distrito de Monapo, em todos os seus quatro postos administrativos, era o algodão. Com esta cultura, Monapo chegou a figurar-se entre os distritos maiores produtores de algodão, há cerca de dez anos atrás, está produzindo simultaneamente, embora em menor escala, a mandioca, o milho, as oleaginosas e outros produtos.

Há cerca de três anos atrás, devido a uma crise que assolou o sector algodoeiro, a população de Monapo teve de conhecer uma profunda fome, dado que a maioria dos seus habitantes dedicava-se exclusivamente à produção de algodão e pouco se importava com produtos alimentares. No entanto, para fazer face a este novo cenário, o Governo local teve de lançar novos desafios: identificou as grandes razões da fome, algumas das quais prendiam-se com a falta de investimentos e a queda na produção de bens de consumo. Na campanha agrícola de 2005/2006 distribuiu cerca de 11 toneladas de sementes diversos às populações locais, de modo a garantir uma recuperação económica no mesmo período. As condições naturais favoreceram e foram colhidas cerca de 70 mil toneladas de produtos diversos, contra uma média de oito toneladas na campanha anterior.

O administrador do distrito de Monapo, Fernando Saíde, explicou que o seu governo tem estado a controlar a situação, e deu um comando a todo o distrito, na parceria com os líderes comunitários, no sentido de que cada família devia ter pelo menos 2,5 hectares de culturas diversas, de modo a não se repetir a situação da fome, assegurando que a produção local tende a crescer, já "esquecemo-nos do espaço onde fica a fome".

Como afloramos acima, o mercado algodoeiro já não fornece muitas garantias à população de Monapo, sendo por isso que esta encontra no gergelim a

Assolado por uma fome aguda, resultante, por um lado, da queda na produção agrícola e, por outro, da falência de muitas unidades industriais que empregavam milhares de pessoas, o distrito de Monapo está arvorando a sua economia. Novas unidades industriais vão surgindo e a produção agrícola tende a crescer. No entanto, vale dizer que a produção de algodão e do caju continuam em queda.



Félsimino Tocolo, Aiuba Cuaraneia e Bernardo Saíde

melhor alternativa. Como vinca Saíde, de 2006 a esta parte a tendência de produção do algodão é baixar. Na verdade, os preços de algodão têm sido estáticos no mercado nacional e internacional e o gergelim parece ser mais rentável para os nossos produtores do que o algodão, dado que aquele ronda os 25 mt/kg, enquanto que o algodão ronda os 4 mt/kg.

No entanto, o objectivo não é de fazer desaparecer a cultura de algodão em Monapo, tanto é que tal facto prejudicaria a própria população local, porque há fábricas que têm como matéria-prima a semente do algodão, para produção de sabão e óleos. É por isso que para reactivar a produção desta cultura de rendimento, o governo local está a estabelecer parcerias com algumas organizações, no sentido de introduzir a atracção animal na produção familiar. O administrador Saíde assegura que neste momento já entraram para o distrito cerca de 100 cabeças de gado para capacitar o camponês na produção alimentar e algodoeira.

Indústria do caju e revolução verde

O distrito de Monapo decaiu bastante na produção de caju, devido a uma crise que assolou o cajual local. Assim, se há dez anos atrás Monapo era grande produtor de caju, hoje este prestígio esfumou-se, tendo passado de grande produtor para grande processador, o que não é muito bom para a sua economia. Ao que tudo indica, a produção do caju vai tender a decrescer não só devido à velhice dos cajueiros como também à destruição destes por acção do fogo resultante das queimadas descontroladas.

As grandes indústrias que constituíam paraísos fiscais no distrito, tomaram em virtude da crise de que temos vindo a falar. A Companhia Industrial de Monapo, que se dedicava ao fabrico de sabão e ao processamento da castanha de caju, passou para a história. Conquanto, há uma companhia que reabriu algumas unidades de produção de sabão e de óleos alimentares, mas não em grande escala como outrora se produzia. Na realidade, a

produção local não é suficiente para alimentar tais unidades industriais em matérias-primas, daí que os industriais recorrem a outros cantos da província para a aquisição destes bens. Aliás, diga-se que por causa desta necessidade, muitos produtores de cereais passaram a dedicar-se exclusivamente ao comércio, havendo em Monapo, barracas con-

vencionais que hoje podem ser confundidas com grandes lojas.

O administrador Fernando Saíde diz que o seu governo não vai deixar morrer a produção de caju, argumentando que há um trabalho árduo tendente a tirar o cajual da crise a que está submetido.

No plano da revolução Verde (RV), Saíde revela que "de 2006 a esta parte, a partir

dos fundos de geração de rendimento e do Fundo de Investimento de Iniciativa Local (FIL), definimos como prioridade a potenciação das três formas de produção que temos no país, nomeadamente o sector familiar, associativo e privado. No sector familiar, em 2006 distribuímos 30 cabeças de gado a famílias para o fomento. Em 2007 adquirimos algumas charruas para atracção animal; 3 tractores para o sector associativo e mais três este ano que serão para igual número de privados identificados em três postos administrativos. Nós entendemos que o FIL visa criar um desenvolvimento local equilibrado, sendo por isso que fazemos uma distribuição equitativa dos meios de produção".

Nestas circunstâncias, a vila de Monapo poderá passar à categoria de cidade a partir do próximo ano. Saíde considera que há condições para o efeito justificando-se a partir do nível de construções e conservação dos edifícios antigos, do número de novas habitações, da qualidade de serviços públicos e privados prestados, da indústria, entre outras condições. Os benefícios não tardarão a brotar: poderá haver mais investimentos, aumento de apoios financeiros e, a nível administrativo, as condições vão mudar. ■

Queimadas afectam cerca de 19% de terras agro-florestais

Como resultado de queimadas descontroladas havidas há dias em seis distritos de Manica, as quais foram agravadas por um forte vendaval que se abateu sobre a província, cerca de dezanove por cento de terras agrícolas foram afectadas pelo incêndio, refere o governador da província de Manica Maurício Vieira.

Ainda segundo dados avançados pelo governador, as queimadas destruíram ainda um total de 1.057 casas, 1.002 celeiros e 800 mil hectares de culturas diversas, com maior incidência para cereais e florestas.

"À medida que prosseguem os levantamentos, constata-se que o impacto do fenómeno em termos de famílias, casas e áreas afectadas, é cada vez mais grave do que se imaginava", frisou.

Face ao cenário descrito por ele mesmo, o governador referiu ser importante a reconstrução acelerada, de modo que os afectados possam normalizar as suas vidas antes da próxima época chuvosa, que se avizinha.

"Há necessidade de se providenciarem sementes e outros insumos agrícolas, que permitam aos camponeses afectados participarem na campanha agrícola 2008/2009", defende o governador Maurício Vieira.

Enquanto isso, o número de vítimas mortais elevou-se para 15, com o último caso identificado no distrito de Gondola. Dantes, o número era de 14, sendo nove em Gondola, três em Manica, uma em Macossa, e três em Mussurize. Em Bárue e Tambara outros distritos que também sofreram não se registaram óbitos. ■

(Jose Jeco)